



# A DIFERENÇA que se é

SUCESSO, ÊXITO E DESTAQUE NOS COLOCAM, MUITAS VEZES, FORA DO SENSO COMUM, NOS DIFERENCIANDO DOS OUTROS. É DESTA FORMA QUE NOS SENTIMOS SOZINHOS, DESLOCADOS DO NOSSO MEIO SOCIAL E ANGUSTIADOS

Usamos indistintamente três palavras para definir um momento de exaltação por uma conquista, são elas: sucesso, êxito, destaque. Notem como já toquei em artigo anterior, que elas têm algo em comum, a saber, dizem que alguma coisa *fica de fora*.

'Sucesso' vem do latim *cedere*, que dá em português 'ceder'. Sucesso é o que vem depois, como em 'sucessão', em 'suceder'. Como diz a canção, com o sucesso "nada mais será como antes": deixa-se um estado, abre-se um outro, desconhecido, no qual será preciso aprender a habitar.

'Êxito' vem também do latim *exit*, palavrinha que aprendemos o sentido nos cinemas da nossa infância, pois estava sempre escrita sobre a porta de saída (em luz verde ou vermelha). 'Êxito' se traduz em sair, em deixar. Até quando se deixa a vida, o jargão médico pomposamente disfarça a dor proclamando: "Obteve êxito letal".

'Destaque', também de base latina, *destaccare*, retirar, separar, tem origem menos bem definida, entre o germânico, o espanhol e o francês, vide Houaiss. No francês, 'destaque' viria de 'détacher', o que quer dizer se desligar, sair do nó,

do rolo. No espanhol, 'salientar', e no germânico, sair da 'estaca'.

Essas três acepções contradizem o bom senso que pensa – e pensa sempre mal esse tal de bom senso – que é formidável ser alguém de destaque, que o duro é ser medíocre, comum, genérico. Nada disso.

Arriscaria dizer que recebo no consultório mais sofrimentos pelo sucesso que pelo seu contrário. É claro que ninguém chega dizendo: – "Vim

zes, Albertos, Sofias, porque o nome de uma pessoa é escolhido habitualmente em uma lista socialmente validada. Quando não, aliás, o risco do ridículo é muito grande, todo mundo conhece um exemplo.

Voltando às queixas, exatamente para não cair no ridículo, essa alguma coisa que incomoda dentro acaba recebendo um nome que não lhe cabe nada bem, confundindo a própria pessoa, quando não, também, seu terapeuta.

## PERTENCER AO GRUPO EXIGE QUE CADA UM CEDA EM PARTE SUAS CARACTERÍSTICAS SINGULARES, PARA CABER NO UNIFORME GRUPAL



aqui porque comprei a casa dos meus sonhos", ou algo parecido, não, mesmo porque até o leigo sabe e tem medo de ser taxado de masoquista. As pessoas se queixam aproximadamente sempre das mesmas coisas porque no fundo a queixa é uma interpretação de que algo não vai bem, e o arsenal de queixas que a sociedade legítima é restrito, daí suas repetições. É como os nomes: temos muitas Marias, Lui-

Leva-se um tempo em Psicanálise para se desfazer dos falsos nomes da dor, dos nomes *prêt-à-porter* disponíveis no mercado. Quantas vezes não ouvimos: "Mas não é possível que eu esteja sofrendo porque consegui a casa dos meus sonhos, isso vai contra o bom senso". Éta bom senso trapalhão! É muito difícil para a pessoa legítima que está mal por algo que supostamente lhe deveria causar o bem.





Nós sofremos no sucesso, no êxito, no destaque porque aí ficamos sós. O fracasso é solidário, mas a vitória é solitária. Se você diz que está transtornado por ter sido assaltado no trânsito, seus interlocutores vão dizer: - “Eu também”, “Eu também”, “Eu também”. Agora, se você diz que conseguiu finalmente sua casa nova e maravilhosa, vão dizer: - “Você não tem medo de ser assaltado, morando em uma casa?”

Chamei a atenção para as três palavras que comento aqui remeterem a sair, a cair, a se despregar, mas do quê? Do grupo humano a que pertencemos. Não há quem viva fora de um grupo, seja ele qual for: família, escola, profissão, clube, etc. O conforto do grupo, sim, confor-

to porque reafirmamos nossa identidade no grupo de nosso pertencimento, exige que cada um ceda em parte suas características singulares, para caber no uniforme grupal. Aí, quando se dá um momento de forte diferença, por algo que se conseguiu, nos vemos *destacados* e angustiados exatamente pelo nosso destaque. O que fazer?

Existe a resposta tímida e a ousada, se quisermos simplificar. A tímida nos leva a recuar, a diminuir o fato acontecido, de preferência a anulá-lo se possível,

às vezes até causando um acidente grave. A ousada exige dois movimentos: legitimar a sua diferença, nomeando-a singularmente e incluí-la no mundo, pois ninguém aguenta muito tempo a solidão criativa. É o que fazem os artistas: veem uma banda onde ninguém viu e fazem todo mundo cantar a sua Banda, como fez o Chico. O talento nessa operação varia muito, mas o movimento é o mesmo. Não importa o tamanho da plateia, o que importa é não recuar sobre a diferença que se é. 

Jorge Forbes é psicanalista e médico psiquiatra. É Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (A.M.E.), Preside o IPLA - Instituto da Psicanálise Lacaniana e dirige a Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano da USP.

[www.jorgeforbes.com.br](http://www.jorgeforbes.com.br)

